

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

ALMEIDA, Rosângela Doin de. PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Nelson Ney Dantas Cruz

Rosângela Doin de Almeida é graduada em geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Elza Yasuko Passini é graduada em geografia na mesma Faculdade. Ambas possuem experiência como professoras de Geografia, experiência esta que contribuiu grandemente para a elaboração em conjunto da obra que aqui é analisada.

Na análise do livro “O Espaço Geográfico: Ensino e Representação” tive como preocupação central compreender as problemáticas apresentadas pelas autoras. E a partir deste momento concordar, discordar e sugerir.

Primeiramente, ao ler a introdução do livro, fica claro que as autoras se preocupam enormemente com o processo de ensino-aprendizagem relacionado à compreensão do espaço pelos alunos, como podemos verificar neste trecho: “As crianças nem sempre compreendem os conceitos espaciais usados pelos adultos.” (pág. 9). Para facilitar esta compreensão, as autoras sugerem três pontos básicos de discussão, que tratam da importância do trabalho escolar sobre o espaço e sua representação. O primeiro ponto se relaciona ao conhecimento espacial adquirido ao longo do desenvolvimento da criança. O segundo nos alerta sobre os conhecimentos do espaço relacionados ao contexto sócio-cultural da sociedade e, o terceiro, salienta a importância do domínio desses espaços e seu aprendizado desenvolvido na escola.

Estes três pontos são de grande importância na elaboração de alternativas que dinamizem o aprendizado dos alunos, transmitindo-lhes meios de compreender o espaço através de conceitos geográficos. É muito interessante quando as autoras reconhecem a necessidade de compreensão partindo dos espaços próximos para os distantes. Desta forma, o aluno entenderá de maneira mais clara a localização dos espaços estudados e suas formas de representação. Existem diversos modos de conduzir os alunos ao desenvolvimento de tais habilidades. Uma das alternativas que as autoras sugerem é a leitura de mapas. Antes de detalhar sobre o assunto em questão, é necessário ressaltar que em um dos trechos do livro as autoras escrevem sobre um tema interessante: o do papel da escola na vida humana. O trecho é o seguinte: “Vai-se à escola para aprender a ler e a contar; e – por que não?-, também para ler mapas.” (pág. 15) Esta afirmação tenta justificar as falhas no ensino pelo privilégio que este fornece a outros aprendizados, senão o da leitura de mapas na formação pessoal e profissional do aluno. Por se tratar da área de educação, o livro analisado poderia aprofundar um pouco mais além da ciência geográfica, comentando sobre a importância do mapa para outras disciplinas presentes no contexto escolar de 1º grau. Este estudo sobre a relação interdisciplinar em que o espaço pode ser um dos elos, poderá criar nos alunos um interesse pelo conhecimento e compreensão deste objeto de estudo, o qual estaria inserido em outras ciências do

conhecimento. Saber lidar com assuntos de outras disciplinas que se relacionam à geografia, mas que se relacionam também entre elas mesmas, é imprescindível para desenvolvermos um bom trabalho na escola. Devemos ter cuidado em não designar um papel tão pequeno às nossas escolas, que são os de ensinar a ler e contar, como escrito pelas autoras, desprezando a possibilidade do ensino interdisciplinar.

Ao falar da importância dos mapas e da sua leitura, as autoras mostram quatro representações cartográficas com exercícios, todos os quatro com escalas diferentes, com o objetivo de demonstrar onde se localiza um bairro da cidade de São Paulo. Podemos pensar em várias formas de ensinar aos alunos lerem os mapas, desde aqueles iniciantes ao estudo, até os que tenham adquirido experiência na compreensão de mapas, procurando considerar a faixa etária dos mesmos. Poderemos partir das pré-noções que os alunos da 8ª série têm em relação aos mapas e à sua leitura. Aos alunos da 5ª série, por exemplo, temos que ter cuidado com as nossas maneiras de explicar o assunto. Como as autoras dizem: “Iniciando o aluno em sua tarefa de mapear, estamos, portanto, mostrando os caminhos para que se torne um leitor consciente da linguagem cartográfica.” (pág. 21). Uma das formas adequadas aos alunos do 1º grau para que aprendam adequar suas noções de espaço às normas cartográficas, é a construção de mapas mentais. Sugiro que os mapas mentais, neste assunto trabalhado pelo autor, sejam incorporados como exemplos essenciais na construção do espaço pelo sujeito para sua conscientização sobre a leitura das representações do espaço. A partir das pré-noções de espaço que o aluno possui, o professor é capaz de estabelecer maneiras eficazes de ensino, adequando-se a cada situação. Desse modo, acredito que os mapas mentais podem ser mais explorados pelas autoras no momento em que elas tratam do assunto Mapeador X Leitor de Mapas(pág. 21).

Em outro momento, as autoras realizam um análise sobre as noções de espaço que as crianças adquirem em sua infância anterior à fase escolar. Neste ponto, são abordados alguns detalhes que nos permitem compreender e, mesmo avaliar, as pré-noções que os nossos alunos tenham adquirido antes de se estudar as representações cartográficas. Para esta temática, sugeriria que as autoras se preocupassem com essas formas de se trabalhar as pré-noções. Muitas das vezes, a maneira com que os professores ensinam, acabam contribuindo somente para um bom aprendizado de uma parte dos alunos, sendo que outra parte apresenta dificuldades de aprendizado em função das didáticas aplicadas. Devemos pensar em meios eficazes de conduzir os alunos a compreenderem os objetivos da aula, relacionando as pré-noções destes com o conteúdo aplicado. Trabalhar na perspectiva das inteligências múltiplas é uma opção eficaz ao processo de ensino-aprendizagem. O conhecimento das inteligências múltiplas dos alunos pode ser um meio de direcionamento à elaboração de um plano de aula adequado à maioria dos alunos. É uma forma de apresentar propostas alternativas à utilização de mapas mentais como representação de espaços e territórios. Este assunto poderia ser analisado no livro “O espaço geográfico: ensino e representação”, aqui discutido. A disponibilidade deste tema no livro ofereceria ao professor de geografia mais uma opção de ensino.

Entre as páginas 31 e 45 do livro, as autoras trazem uma importante reflexão ao leitor sobre os entendimentos que as crianças têm sobre o que é espaço e onde estão localizados seus elementos. A partir desta análise podemos elaborar alternativas eficazes que facilitem o processo ensino-aprendizagem. Como sugestão das autoras, é demonstrado como exemplo, atividades simples que partem de um estudo particular para o geral. Utilizando noções de mapeamento dos espaços, os alunos, orientados pelos professores, irão mapear o próprio corpo. É um tarefa simples, que remete os alunos à

noção de planejamento, ou seja, de como começar a mapear algo. O planejamento se inicia com a necessidade de arranjar um papel adequado para o mapeamento e em utilizar ferramentas adequadas, como lápis, canetas, canetinhas, etc. Todas as habilidades de se mapear o espaço corporal compõe-se de outras habilidades paralelas. Esta atividade também é proposta para o desenho de outros espaços: a sala de aula, o prédio escolar, o quarteirão da escola, o caminho de casa até a escola, o bairro onde se localiza o colégio e o lugar que o aluno mora. Essas são algumas sugestões importantes que as autoras citam. Elas partem do particular para o geral e, no meu entender, são possíveis de serem aplicadas em sala de aula, bastando apenas contar com a colaboração dos alunos.

Os livros didáticos nem sempre apresentam figuras, mapas e ilustrações sobre a cidade ou o bairro que os alunos estudam. Isso dificulta a compreensão do próprio espaço em que eles vivem, por que sempre se estuda outro lugar. Uma proposta de atividade que poderia ser incorporada às sugestões das autoras é a de análise de fatos do bairro e da cidade onde os alunos vivem. Através de fotos eles poderiam construir maquetes e mapas para representar a realidade. A foto é um material didático que poderia ser mais explorada pelos professores de geografia durante as aulas, bem como outros instrumentos de trabalho do geógrafo que continuam distante das escolas.

Por fim, o livro analisado é um ponto de partida para orientação de professores de Geografia que queiram aperfeiçoar seus métodos de ensino. Não é um livro para ser seguido como livro de receitas, mas um referencial de auxílio à reflexão sobre as formas de como contribuir para uma descrição e análise com propriedade do espaço estudado.